

DEFICIÊNCIA DE ZINCO E DOENÇAS FOLIARES DO ARROZ

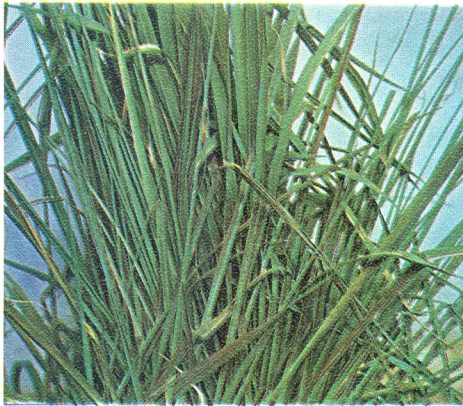


FIG. 1

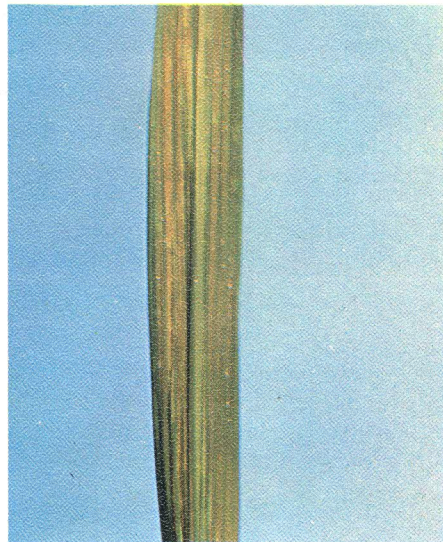


FIG. 2



FIG. 3

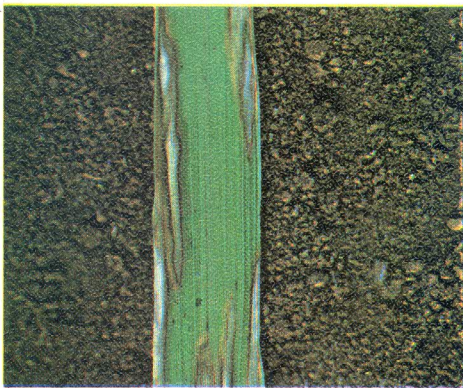


FIG. 4



FIG. 5



FIG. 6



FIG. 7



FIG. 10



FIG. 8

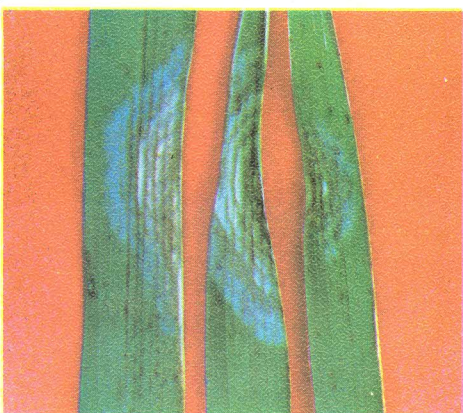


FIG. 9

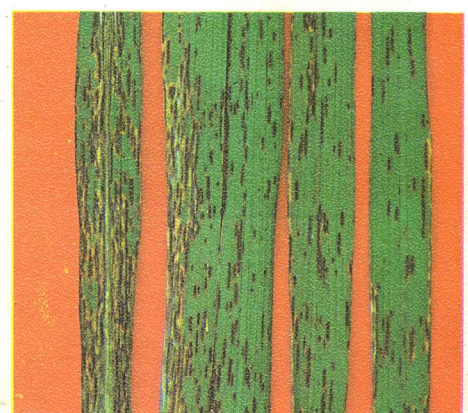


FIG. 11



## DEFICIÊNCIA DE ZINCO

As plantas com deficiência de zinco apresentam uma forte redução no crescimento e perfilhamento (Fig. 3). A nervura central torna-se clorótica e comumente a lâmina foliar apresenta uma descoloração ferrugínea (Fig. 1 e 2). Quando a deficiência é mais acentuada as plantas podem morrer deixando manchas na lavoura (Fig. 3).

Em geral, o aumento do pH do solo favorece o aparecimento da deficiência de zinco, razão pela qual o sintoma é comum em solos onde se fez calagem pesada. A deficiência de zinco pode ser corrigida pela aplicação de sulfato de zinco na época do plantio ou com pulverização na fase inicial da cultura.

BRUSONE NAS FOLHAS (*Pyricularia oryzae*)

A brusone é a mais comum e prejudicial doença da folhagem do arroz de sequeiro. Os primeiros sintomas são constituídos de lesões elípticas (em forma de lentes) com as extremidades ponteadas, o centro cinza ou esbranquiçado e margens marrons (Fig. 4). As lesões pequenas não apresentam o centro com a coloração característica devido à resistência da variedade ou porque as lesões são jovens ou devido à existência de alguma condição desfavorável ao seu desenvolvimento. Com o aumento do número e o tamanho, as lesões podem coalescerem-se queimando uma grande área foliar (Fig. 5). O ataque severo na fase vegetativa pode matar as plantas completamente (Fig. 6).

ESCALDADURA DA FOLHA *Rhynchosporium Oryzae*

Recentemente, esta doença vem assumindo grande importância nas diferentes regiões do Brasil. É mais importante na Região Norte e Nordeste (Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí), sendo também comumente encontrada na Região Centro Oeste (Mato Grosso e Goiás) e foi ainda assinalada na Região Sul (Rio Grande do Sul) em arroz irrigado.

A doença inicia na extremidade das folhas e/ou, na margem de outra parte da lâmina foliar (Fig. 7 e 8). A mancha não apresenta margem definida e, quando enxarcada, tem coloração verde-oliva. Mais tarde, as áreas escaudadas tornam-se grandes e rodeadas por bordos marron-escuros com áreas internas mais claras exibindo uma zona característica (Fig. 9). À medida que aumenta a superfície coberta pela mancha, processa-se a seca e morte das folhas, sintomas que são mais freqüentes nas folhas mais velhas. Estas tornam-se de cor pálea-esbranquiçada com a margem marrom e fracamente zonada. Na margem de uma mancha jovem, enxarcada, há grande esporulação do fungo, mostrando a coloração esbranquiçada (Fig. 9).

MANCHA PARDA (*Helminthosporium oryzae*).

Esta doença aparece geralmente durante ou após o estágio de floração. A produção só é afetada pela doença no Estado do Pará.

As lesões típicas são pequenas, ovais ou circulares. As pequenas são marron-escuras, enquanto as grandes têm o centro ligeiramente cinzento e as margens marron. A maior parte das lesões tem halo amarelado em volta das margens (Fig. 10)

MANCHAS ESTREITAS (*Cercospora oryzae*)

É uma doença de menor importância, porém aparece com freqüência na época da maturação. Em contraste com os sintomas da mancha parda, estas apresentam-se mais lineares, estreitas, com coloração marron-avermelhada e margens difusas (Fig. 11). Em variedades altamente suscetíveis, as lesões podem ser mais longas com o centro estreito e claro.

<sup>1</sup> Trabalho realizado em 1976, pelo Centro Nacional de Pesquisa — Arroz, Feijão.

<sup>2</sup> Pesquisador PHD do C.N.P.A.F., BR 153 — Km.4 — Goiânia, Go.

<sup>3</sup> Pesquisador MS do C.N.P.A.F., BR 153 — Km.4 — Goiânia, Go.